



O caderno da geografa

Por: CILENE VICTOR

ENTREVISTA

com Eduardo Soares de Macedo
José Luis Ridente Junior
Gerson Salviano de Almeida Filho



Cilene Victor



**Eduardo Soares
de Macedo**



**José Luis
Ridente Junior**



**Gerson Salviano
de Almeida**

Era 1990, quando Kátia Canil, então com 21 anos, começou seu estágio no Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo (IPT), na área de erosão, formada por cerca de 30 pessoas, homens e geólogos, na sua grande maioria. Em 1992, Kátia foi efetivada pelo IPT, onde permaneceu até 2013, ano em que foi aprovada no concurso para o cargo de professora na Universidade Federal do ABC (UFABC). Com passagem pela sala de aula, como professora do curso de Geografia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), entre 2001 e 2010, a geógrafa estendeu para a UFABC, especialmente para o Laboratório de Gestão de Riscos (LABGris), sua paixão pela pesquisa e a docência.

Quem abriu a porta para essa descoberta dos amigos e colegas que a conheceram ainda como estagiária, ou recém-contratada pelo IPT, estão os geólogos Eduardo Soares de Macedo e José Luis Ridente Junior e o tecnólogo civil Gerson Salviano de Almeida Filho, que nesta entrevista em homenagem à Kátia Canil resgatam da memória momentos que marcaram

a relação profissional e de amizade com a geógrafa.

Os detalhes das lembranças, como as atividades de campo que realizaram com a Kátia, sua organização singular, sua dedicação ao trabalho e o seu texto primoroso, materializam nesta entrevista a sensação de que “parece que foi ontem”.

Em uma das lembranças do cotidiano deles no IPT, Eduardo Macedo conta que Kátia tinha o hábito de carregar um caderno e anotava tudo nele. Um dia, resolveram fazer uma brincadeira e esconderam o seu caderno por uns dias. Mandaram um e-mail dizendo que queriam um resgate para devolvê-lo. Como a Kátia ficou muito brava, eles nunca contaram a ela que tinham feito a brincadeira. No final de um expediente, quando ela já havia ido embora, deixaram o caderno sobre sua mesa.

Um desses cadernos ainda está no IPT, com sua letra, sua escrita e suas anotações.

Kátia Canil escreveu sua trajetória como uma das mais importantes pesquisadoras da área de gestão de riscos. Parte dela é recontada aqui por Eduardo Macedo, José Ridente e Gerson Almeida

Cilene Victor: Vocês contam que quando a Kátia Canil chegou no IPT ela se juntou a um grupo grande, cerca de 30 pessoas, da área de erosão. Quantas geógrafas faziam parte do grupo? E como se deu essa aproximação com a Geografia?

Gerson de Almeida: Da área de Geologia de Engenharia, pelo que me recordo, tinha a Maria do Carmo, que foi basicamente a primeira geógrafa do IPT que atuou nessa área, depois vieram a Maria Cristina, que era minha esposa, e a Kátia Canil, especificamente para o grupo de erosão. E aí nós vimos o grande potencial e contribuição do geógrafo para as atividades do IPT. Dentro da divisão, basicamente trabalhando com geologia de engenharia, a maior parte era de geólogos, por volta de 90%.

José Ridente: Essa demanda por colegas da Geografia veio por conta de uma relação que se instituiu entre a seção de erosão do IPT, coordenada pelo Fernando Ximenes, e a Geografia da USP, especialmente a pesquisa de solos e as disciplinas de mapeamento de solos, com os professores Selma Simões de Castro e José Pereira de Queiroz. E a Kátia começou isso, ela foi o primeiro fruto dessa aproximação entre a área de erosão do IPT e a Geografia da USP. Isso criou uma ponte, então, eu, a Kátia e outros colegas fomos fazer na Geografia as disciplinas de mapeamento de solos. Na Geologia, por exemplo, era uma disciplina optativa, mas sentimos a necessidade de conhecer um pouco mais a classificação de solo. Importante lembrar que eu cheguei no IPT como estudante, estagiário, e a Kátia

já era profissional, pois já havia sido efetivada.

Cilene: E como era o trabalho de vocês e da Kátia ainda nos anos 1990, que tinha a erosão como foco?

Gerson: Havia um grupo com cerca de 30 pessoas, geólogos, na sua maioria, muitos deles aposentados. Por meio de um decreto de 1995, o Governo do Estado determinou que os aposentados nas estatais não poderiam continuar suas atividades. Então, aquele grupo que tinha muita gente forte na área técnica dentro do tema foi praticamente todo dissolvido, pois a maioria foi demitida. Na época, sobramos apenas eu, o Ridente, a Kátia e o Fernando Kertzman. Em 1994, o grupo tinha me passado a chefia e, com aquela demissão dos colegas, nos unimos para não deixar acabar o tema de erosão. E aí existia outra área, que abordava a temática do deslizamento, onde o Duda [Eduardo Macedo] fazia parte. Resultado, nos unimos e somamos as duas áreas, erosão e deslizamento. E não há dúvidas de que a Kátia teve um papel fundamental, permitindo que mantivéssemos esse trabalho unido até hoje.

Ridente: Aquele grupo tinha uma marca, o empreendedorismo, que nos ajudou mais tarde com nossos projetos. Manoel, Osvaldinho e outros colegas do grupo de aposentados eram extremamente empreendedores e deixaram isso como legado. Então, sabíamos os caminhos das pedras para vender projetos, o que não era fácil para um instituto de pesquisa que tinha o próprio estado como

cliente, mas conseguimos manter o que os colegas haviam iniciado. Então, atuamos no Patem - Programa de Apoio Técnico aos Municípios e seguimos vendendo os projetos. Em 1995, houve um período de chuvas fortes e atingiu muitas cidades. Assim, eu, o Gerson e a Kátia procuramos o estado inteiro para verificar os municípios mais afetados, o que resultou em vários contratos com as prefeituras. O nosso trabalho teve repercussão na imprensa, concedemos entrevistas e acabamos dando visibilidade ao nome do IPT. Além disso, realizamos o mapa de erosão do Estado, que foi incorporado à carta geotécnica. E fomos nós que entregamos esse mapa, o que gerou muita visibilidade e mais frutos para a área.

Gerson: Outra ação que deu muita força para o nosso grupo foi um convênio que o IPT tinha com o DAEE, que nos permitiu desenvolver vários projetos de ponta com o grupo da erosão e do deslizamento.

Cilene: E como era o perfil profissional da Kátia naquela época? Vocês já identificavam o interesse dela pela pesquisa?

Eduardo Macedo: Ela era muito cuidadosa, não só na cartografia, como na escrita, principalmente. A Kátia para mim foi uma grande professora de escrita, tinha um excelente texto, técnico e acadêmico, e isso me influenciou muito.

Gerson: Ela tinha um poder de colocar nossas ideias no texto e aquilo era muito importante. Organizamos muitos eventos técnico-científi-

cos e a Kátia tinha um papel-chave, com sua organização, contatos com muita gente e visão ampla da área.

Ridente: Na organização dos eventos da área, por exemplo, ela era mais que fundamental. O primeiro congresso que organizamos foi em 1995 e não estávamos esperando a inscrição de muitos trabalhos, mas acho que recebemos mais de 100 para avaliação. Então, discutimos juntos os critérios de análise e isso foi muito legal porque adotamos uma regra do que era aceitável e o que não era para, assim, encaminhar aos avaliadores. E a metodologia de trabalho da Kátia foi fantástica. Eu me lembro de admirar a organização dela, ver em uma sala do IPT todos os trabalhos impressos, colocados ali por categoria, com observações. Um trabalho incrível.

Eduardo: Ela fez vários congressos comigo, principalmente sobre desastres. E como o Gerson e o Ridente mencionaram sobre a junção das áreas de erosão e escorregamento, penso que foi aí que a Kátia se descobriu numa área nova, na verdade, a área que ela vai se dedicar mais tempo depois e seguir uma trajetória acadêmica.

Cilene: E foi essa a transição dela para a gestão de riscos de desastres?

Eduardo: Sim, porque na junção da erosão com o deslizamento tivemos de treinar os colegas numa área diferente do que eles estavam habituados. E aí a Kátia se encontrou, principalmente por causa da pegada com o social, do entendimento de

que no final você está trabalhando para as pessoas, para o governo. O nosso cliente, como falávamos, eram as pessoas que estavam morando nas áreas que íamos mapear. Eles eram a nossa preocupação, era para eles que trabalhávamos. E ela se descobriu nisso, ela se deu conta de que aquele trabalho era a praia dela. O trabalho envolvia pessoas e fomos nos treinando nisso. Nós fomos muito a campo, muito mesmo. Em 2010, fizemos o mapeamento da cidade de São Paulo, estávamos em quatro pessoas. Ela gostava muito de fazer parceria de trabalho com a Fabiana, mas não gostava muito de ir comigo e o Fabricio porque ela dizia que nós aprontávamos muito e que eu falava demais. Eu gostava de ficar conversando com as pessoas e ela dava uma bronca para eu parar de falar e ir trabalhar.

Ridente: E na junção da erosão com o escorregamento a questão do impacto ambiental ficou mais forte, mais em evidência, assim como o impacto social, que demandou uma mistura de olhares que foi muito boa. Eu me lembro das primeiras vezes que eu cheguei nas áreas de risco, lembro-me de que meus olhos ficavam sempre marejados e os da Kátia também. E aí teve um grande escorregamento em Campos do Jordão, em 2000 e 2001, e foi uma coisa muito marcante para nós, estávamos ali, naquele cenário, depois de um escorregamento. Tinha sido noticiado e nós tínhamos trabalhado lá, marcou muito. E também atuamos na Serra do Mar, em um projeto com financiamento. O empreendedorismo que aprendemos com os colegas

antigos do grupo foi muito importante e a Kátia levou isso para a UFABC, onde desenvolveu muitos projetos.

Cilene: E essa transição pode ter evidenciado a necessidade de expansão, de crescimento ou mudança em relação ao que ela estava fazendo?

Gerson: Na minha opinião, acho que o grande avanço da Kátia foi a partir da saída dela do IPT.

Ridente: Eu vejo a mudança da Kátia já no momento anterior. Minha impressão foi que isso se deu antes, quando ela chefiou a seção, uma grande responsabilidade de coordenar uma equipe. Ela tinha a preocupação de solicitar projetos na FAPESP e estava sempre centrada no objetivo de compartilhar conhecimento. Isso era dela.

Eduardo: Acho que essa passagem se deu quando ela descobriu nessa história dos riscos o olhar para as pessoas. Teve o trabalho da chefia, mas também o trabalho de mapeamento de um monte de cidades, Mauá, Santos, Guarujá, Jundiaí, Osasco, e a Kátia estava muito envolvida e se desenvolveu muito ali. Teve um ano que o IPT resolveu dar um presente de aniversário para a cidade de São Paulo e deu um mapeamento da erosão da bacia do Pirajuçara. A Kátia tocou aquilo com tanta dedicação. E houve também trabalhos com o Ministério das Cidades, onde estavam especialistas como Raquel Rolnik, Celso Carvalho e Erminia Maricato. Fomos chamados para trabalhar com a questão das áreas de risco e eles começaram a demandar planos municipais de mapeamento e

de redução de riscos. Ainda que com uma equipe pequena, a Kátia gerenciou, por exemplo, Itapevi e Taboão, fizemos vários trabalhos nessa linha nos municípios. Além disso, é importante falar da influência que o doutorado e os estudos no Canadá provocaram na visão dela em relação ao trabalho e à pesquisa.

Cilene: E então, em 2013, depois de 21 anos de sua efetivação no IPT, a Kátia resolveu prestar o concurso e ser professora na UFABC. O que pesou na decisão dela?

Eduardo: Ela estava descontente com várias coisas, com a carreira dela dentro do IPT, que estava muito parada, mas também a Kátia sempre quis dar aula, tanto é que ela ministrou aulas na PUC durante muito tempo e ela adorava. Havia também a preocupação com o futuro, ela não queria ficar trabalhando no IPT até ficar velhinha. Pensava no futuro dela e de sua filha, Maria Laura. E disse que o primeiro concurso interessante que aparecesse, ela ia fazer. E veio a UFABC, que ela começaria do zero, era um projeto totalmente novo. Me lembro dela se preparando para o concurso, organizando os documentos, caixas e caixas de produção, alguns artigos que escrevemos juntos. Não queríamos que ela fosse, mas a ajudamos a organizar as coisas do concurso, talvez querendo acreditar que ela não fosse passar e não fosse embora.

Uma entrevistadora raramente fecha uma entrevista, visando tecer as últimas palavras ou reflexões. Aprendemos no exercício do jornalismo que os fatos que noticiamos são consequências e causas de outros fatos. Que as histórias que contamos se emendam com outras histórias. Que os personagens de nossas histórias estão conectados com outras pessoas e suas histórias, fazendo a vida ganhar uma dimensão de infinitude, ainda que alguns desses personagens já não estejam mais no mundo que habitamos.

É assim que a história contada nesta entrevista, em homenagem à geógrafa, professora e amiga Kátia Canil, seguirá o seu rumo. Os cadernos da geógrafa ajudarão seus alunos e alunas, pesquisadoras e pesquisadores e seu grande parceiro de pesquisa Fernando Nogueira, do Laboratório de Gestão de Riscos (LabGris), da Universidade Federal do ABC, a contar suas próprias histórias, marcadas, porém, pela passagem de Kátia Canil por suas vidas, seus sonhos, estudos e suas pesquisas.

O caderno da geógrafa seguirá guiando a história do LabGris e o seu compromisso com a produção e o compartilhamento de conhecimento e saberes, cujo grande propósito é contribuir para a construção de um país mais igualitário, onde a justiça, a paz e o respeito à dignidade da pessoa humana estejam presentes em todos os territórios.

A repetição da palavra “história” nestas poucas linhas foi pensada para dizer que quando uma história se emenda com a outra, como a nossa se conecta com a da professora Kátia Canil, as duas viram uma. E é essa união que seguirá na infinitude.

Em nossas vidas, a perda é inevitável.
Porém, ela viverá sempre nos corações
de quem teve o grande privilégio de a conhecer.
Você deixará saudades, amiga.

Gerson Salviano de Almeida Filho